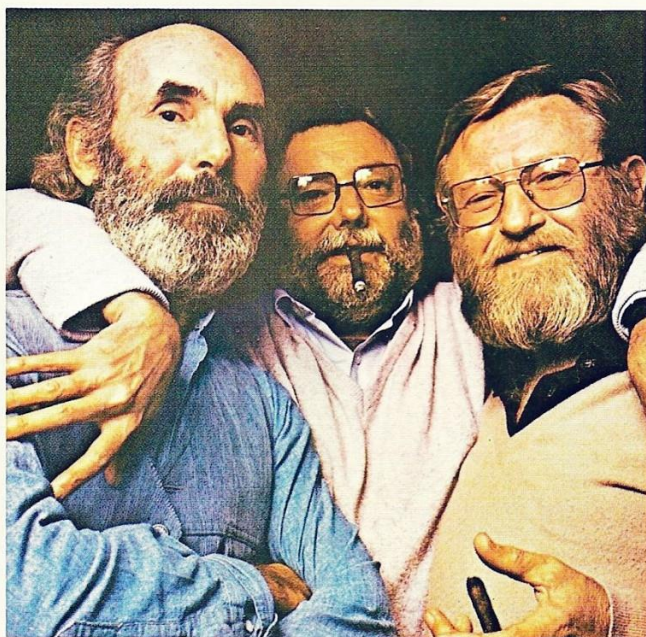


Manifesto do Rio Negro do Naturalismo Integral



Frans Krajcberg, Pierre Restany and Sepp Baendereck,
Upper Rio Negro - Thursday, August 3, 1978.

Créditos da Imagem¹

Organização: Fabrício Fernandino

¹ http://fkmanifesto.com/thumb900/files//02.3_SeppPierreFrans.jpeg

Manifesto do Rio Negro do Naturalismo Integral

O conteúdo desse Manifesto, suas ideias e implicações para a arte brasileira e até mesmo a postura perante a arte e a vida de seus manifestantes, são de vital importância para a compreensão da dimensão da obra de Frans Krajcberg².

Durante 32 dias, em meados de 1978, Sepp Baendereck³, Frans Krajcberg e Pierre Restany⁴ cruzaram em um barco o Rio Negro, região amazônica. Durante o trajeto eles refletiam sobre uma nova maneira de ver, sentir e fazer a arte dentro de uma ótica voltada para a realidade brasileira. Os dois artistas, Baendereck e Krajcberg, então já cidadãos brasileiros e declaradamente apaixonados pela nossa biodiversidade, convidaram o crítico Pierre Restany para que ele aprofundasse sua relação com o Brasil e pudesse perceber melhor a grandeza de nosso país. No final do empreendimento, além de um “Diário de Viagem”, Restany produziu o “Manifesto do Rio Negro”, que foi divulgado em outubro de 1978 em todo o mundo.

As idéias que levaram ao manifesto

Pierre Restany guarda um interesse histórico pelo Brasil, que se originou no período do governo militar, em 1966. Em suas idas e vindas pelo continente Sul Americano percebeu que um grande número de intelectuais brasileiros estava sofrendo com os abusos da repressão por causa de suas posições políticas. A partir de então

² Frans Krajcberg, artista plástico, de origem polonesa, naturalizado brasileiro. Krajcberg destaca-se no cenário artístico internacional pelo seu trabalho escultórico, suas pinturas, gravuras, fotografias, vídeos e publicações que atestam e denunciam os atentados contra o meio ambiente e o equilíbrio ecológico. Autodeclarado mais ambientalista que artista, tem uma vida voltada para a arte e a natureza. Suas obras e sua ação criadora são motivadas para a formação de uma consciência universal em favor da sustentabilidade e a preservação da vida no planeta. Atualmente, tem seu trabalho ligado às organizações internacionais que objetivam a defesa da ecologia e do meio ambiente.

³ Sepp Baendereck foi publicitário e pintor, nascido na Iugoslávia, mas naturalizado brasileiro. Desenvolveu seu trabalho de pintura ligado à natureza, embora não tenha conseguido grande expressão internacional.

⁴ Pierre Restany, marroquino radicado na França, depois de graduado pela Sorbonne e de ter-se doutorado em História da Arte em Pisa, na Itália, passou ao exercício da crítica de arte, constituindo-se em um dos mais atuantes e ubíquos especialistas em sua área. Publicou dezenas de livros, organizou incontáveis manifestações e exposições e foi o teórico, em 1960, do movimento “Nouveau Realisme”.

começou a se interessar com maior profundidade pelas questões brasileiras, pelo homem brasileiro e pela arte brasileira.

Em 1974, motivado por sua amizade com Krajcberg, Restany fez uma viagem ao interior do Brasil. Percorreu o sertão do Piauí, Minas Gerais e sul da Bahia. Desta viagem nasceu um “Diário”, o primeiro do gênero em sua vida, cuja importância, como Restany define, reside no tipo de disciplina do trabalho desenvolvido. Foram produzidos mais três "diários", resultantes de viagens a Nova Guiné, Austrália e Amazônia. Aos poucos, Restany se deu conta da natureza, do clima, do espaço brasileiro e de que o Brasil é um fenômeno excepcional sob o ponto de vista de sua biodiversidade e belezas naturais.

Sem ilusões sobre o homem brasileiro ou sobre a sua cultura ele acredita que a arte no Brasil é produto de uma elite cultural restrita e mimetizada com relação à Europa e aos Estados Unidos. Esse fato não seria um erro se manifestadamente não houvesse outra coisa a ser feita e se vivêssemos a firme convicção de que a arte é uma linguagem apátrida. A consciência artística de um país ou deve se fixar sobre valores internacionalmente acertados ou se fixa, pelo contrário, sobre valores específicos, ligados ao próprio país, à terra, à tradição.

Ainda na opinião de Restany, visualmente o Brasil não poderia se fixar sobre uma tradição, uma vez que a cultura da população ameríndia brasileira antes da chegada dos portugueses era medíocre se comparada à dos demais povos pré-colombianos. Já a população negra se destaca mais pelas suas manifestações rituais e musicais, do que por fenômenos de expressão duráveis como a escultura, o artesanato ou a arquitetura.

Por outro lado, os próprios portugueses tratavam o Brasil como uma terra de exploração. Portanto, prossegue Restany, no plano de uma iconografia, de uma morfologia bidimensional, há muito pouco realizado, ao passo que no plano da afetividade - folclore, músicas, danças, ritos - o enfoque é outro.

É um paradoxo para o Brasil, a rica sensibilidade e a impossibilidade de traduzi-la. O Brasil possui uma rica afetividade, uma rica tradição de magia, de folclore, de dança e de música. Mas a partir do momento em que isso deve ser transferido para a literatura, para a linguagem escrita ou iconográfica, para a forma ou para a arquitetura, aí o problema se torna grande porque os modelos não correspondem mais a esta sensibilidade, são emprestados do exterior. “Se ficarmos nos domínios da imagem e da forma, a única autenticidade brasileira é a natureza”.

No “Manifesto do Rio Negro,” Restany cria a expressão “Naturalismo Integral” que ele define não como um movimento, mas sim como uma disciplina da sensibilidade. O crítico afirma, ainda, que no âmago da questão, quanto mais a arte contemporânea se tornou intelectualizada, mais a sensibilidade se tornou anárquica, então o naturalismo seria um método de pensamento, não sendo de forma alguma um retorno ao sentimento da Natureza, e sim um retorno à sensibilidade da Natureza. Passando do método à ação, a filosofia da opção naturalista é deixar fazer as coisas como as faz a Natureza e ver o que vai acontecer. Tudo nasce de maneira orgânica e se desenvolve de maneira orgânica. Porque isso é a natureza e é o contrário do Realismo. O Realismo quer ser metafórico, quer ilustrar e provar alguma coisa, já o “Naturalismo Integral” virá na medida em que as coisas devem vir.

Manifesto do Rio Negro do Naturalismo Integral de Pierre RESTANY

Alto Rio Negro, quinta-feira, 3 de agosto de 1978. Na presença de Sepp Baendereck e Frans Krajcberg

O AMAZONAS constitui-se hoje em dia, sobre o nosso planeta, num “último reservatório”, refúgio da natureza integral.

QUE TIPO DE ARTE, que tipo de linguagem pode suscitar tal ambiência - excepcional sobre todos os pontos de vista, exorbitante em relação ao senso comum?

Um naturalismo do tipo essencialista, que se oponha ao realismo e à própria continuidade da tradição realista, bem como ao espírito realista e a toda sua sucessão de formas e estilos.

Em toda a história da arte, o espírito do realismo não é o espírito do puro constatado, o testemunho da disponibilidade afetiva; o espírito do realismo é isto sim, a metáfora.

O realismo é, na verdade, a metáfora do poder. Poder religioso, poder do dinheiro na época do Renascimento, poder político em seguida, realismo burguês, realismo socialista, poder da sociedade de consumo com a pop-art.

O NATURALISMO não é metafórico.

Não traduz nenhuma vontade de poder, mas sim outro estado de sensibilidade, uma maior abertura de consciência.

A tendência à objetividade do “constatado” traduz uma disciplina de percepção, uma plena disponibilidade para a mensagem direta e espontânea dos dados imediatos da consciência.

Como no jornalismo, mas sendo esse transferido ao domínio da sensibilidade pura. “O naturalismo é a informação sensível sobre a natureza”.

Praticar essa disponibilidade frente ao “natural concedido” é admitir a modéstia da percepção humana, e suas próprias limitações, em relação a um todo que é um fim em si.

Essa disciplina na conscientização de seus próprios limites é a qualidade primeira do bom repórter: é assim que ele pode transmitir aquilo que vê - “desnaturando” o menos possível os fatos.

O NATURALISMO, assim concebido, implica não somente em maior disciplina da percepção, mas também em maior abertura humana.

No final das contas, a natureza é, e ela nos ultrapassa dentro da percepção da própria duração. Porém no espaço tempo da vida de um homem, a natureza são as medidas de sua consciência e de sua sensibilidade.

O NATURALISMO INTEGRAL é alérgico a todo tipo de poder ou de metáfora do poder.

O único poder que ele reconhece é o poder purificador e catártico da imaginação a serviço da sensibilidade e jamais o poder abusivo da sociedade.

ESSE NATURALISMO é de ordem individual.

A opção naturalista oposta à opção realista é fruto de uma escolha que engaja a totalidade da consciência individual.

Essa opção não é somente crítica, não se limita a exprimir o medo do homem frente ao perigo que a natureza enfrenta pelos excessos da civilização urbano-industrial. Ela traduz o advento de um estado global da percepção, a passagem individual para a consciência planetária.

Nós vivemos uma época de balanço dobrado. Ao final do século se junta o final do milênio, com todas as transferências de tabus e da paranoia coletiva que essa recorrência temporal implica - a começar pela transferência do medo do ano 1000 para o ano 2000, o átomo no lugar da peste.

Nós vivemos, assim, uma época de balanço.

Balanço do nosso passado aberto para o futuro.

Nosso Primeiro Milênio deve anunciar o Segundo.

Nossa civilização judaico/cristã deve preparar sua Segunda Renascença.

A volta do idealismo em pleno século XX, supermaterialista, a volta do interesse pela história das religiões e a tradição do ocultismo, a procura cada vez maior por novas iconografias simbolistas: todos esses sintomas são consequência de um processo de desmaterialização do objetivo, iniciado em 1966, e que é o fenômeno maior da história da arte contemporânea no Ocidente.

Após séculos de “tirania do objeto” e seu clímax na apoteose da aventura do objeto como linguagem sintética da sociedade de consumo - a arte duvida de sua justificação material, ela se desmaterializa se conceitua.

Os passos conceituais da arte contemporânea só têm sentido se examinados através dessa lógica autocrítica.

A arte é ela mesma colocada em posição crítica.

Ela se interroga sobre sua imanência, sua necessidade, sua função.

O NATURALISMO INTEGRAL É UMA RESPOSTA.

E justamente por sua virtude de integracionismo, de generalização e extremismo da estrutura da percepção, isto é, de planetização da consciência, que, hoje, o Naturalismo Integral se apresenta como uma opção aberta - um fio que direciona dentro do caos da arte atual.

Autocrítica, desmaterialização, tentação idealista, percursos subterrâneos, simbolistas e ocultistas: essa aparente confusão seja talvez um dia ordenada, a partir da noção do naturalismo - expressão da consciência planetária.

Essa reestruturação perceptiva corresponde à verdadeira mutação e à desmaterialização do objeto de arte, sua interpretação idealista, à volta ao sentido oculto das coisas e sua simbologia constituem um conjunto de fenômenos que se inscreve como um preâmbulo operacional à nossa Segunda Renascença - etapa necessária para uma mutação antropológica final.

Hoje, vivemos dois sentidos da natureza: aquele ancestral do “concedido” planetário, e aquele moderno, do “adquirido” urbano-industrial.

Pode-se optar por um ou por outro, negar um em proveito do outro; o importante é que esses dois sentidos da natureza sejam vividos e assumidos na integridade de sua estrutura antológica, dentro da perspectiva de uma universalização da consciência perceptiva - o Eu abraçando o mundo, formando ele um uno, dentro de um acordo e uma harmonia da emoção assumida como a única realidade da linguagem humana.

O naturalismo como disciplina do pensamento e da consciência perceptiva é um programa ambicioso e exigente, que ultrapassa de longe as balbuciantes perceptivas ecológicas de hoje.

Trata-se de lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva - a poluição dos sentidos e do cérebro contra aquela do ar e da água.

Um contexto tão excepcional quanto o do Amazonas suscita a ideia do retorno à natureza original. A natureza original deve ser exaltada como uma higiene de percepção, e um oxigênio mental: um naturalismo integral, gigantesco catalisador e acelerador das nossas faculdades de sentir, pensar e agir.

5

Referências:

FERNANDINO, Fabrício José. *Poesia das coisas naturais*. 1998. 313p. Dissertação de Mestrado - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

KRAJCBERG, Frans. *A revolta*: Fundação Cultural de Curitiba, 1995. Não paginado. (Catálogo de exposição, Museu Metropolitan de Arte de Curitiba, 4mai. -22 jul. 1995).

KRAJCBERG, Frans. *Moment d'ailleurs*. Paris [s.n], 1996. 39p. (Catálogo de exposição, Nov. 1996, Parc de La Villette).

KRAJCBERG. Rio de Janeiro: Gabinete de Arte Rio de Janeiro, 1991. 196p. (Catálogos de obras)

RESTANY, Pierre. “Manifesto do Rio Negro do Naturalismo Integral”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 out. 1978.

⁵ Esse manifesto, de caráter vanguardista, foi escrito por Pierre Restany, Frans Krajcberg e Sepp Baendereck, no Alto Rio Negro, em 3 de agosto de 1978.

RESTANY, Pierre. O Brasil sem Ilusões. Revista *Veja*, São Paulo, out.1978, p.3-6, Entrevista com Olívio Tavares de Araújo.

Fonte das citações da entrevista de 11 de outubro de 2003 em Curitiba:

MATTAR, Denise. *Frans Krajcberg - Paisagens Ressurgidas*. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2003. Curadoria: Denise Mattar. (Catálogo da exposição Paisagens, paisagens, paisagens... realizada no Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, de 1º de novembro de 2003 a 4 de janeiro de 2004).

Filme Documentário

Krajcberg – O poeta dos vestígios. Direção: Walter Salles Júnior. Roteiro: João Moreira Salles. Rio de Janeiro. RJ. Produção: TV Manchete, 1987. Curta Metragem (45 mim,) son., color., 35mm

Sítio na Internet

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg>
www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.